



Fernando Nunes Ferreira Real (1920 – 2006)

Geólogo, académico e político

*“Não me posso render, haja o que houver.
O pendão que levanta
A minha decidida teimosia,
Transcende a noite e o dia.”*

Miguel Torga

Fernando Nunes Ferreira Real nasceu em Camarate (Loures) a 7 de Janeiro de 1923 e faleceu em Lisboa a 2 de Dezembro de 2006.

Homem de horizontes largos, que amou e serviu a Ciência, o Ensino e a Geologia e, tendo tido uma actividade académica, profissional e política inovadora e de relevo, prestigiou a Universidade e o País.

*
* *

Tendo-se matriculado na Faculdade de Ciências de Lisboa no ano lectivo 1942-43, aí concluiu a Licenciatura em Ciências Geológicas em 1950.

Neste mesmo ano iniciou a carreira docente como 2º Assistente no Grupo de Mineralogia e Geologia, leccionando cursos práticos de Paleontologia, Geomorfologia, Geologia e Mineralogia e Petrologia, quatro das cinco disciplinas da especialidade da Lic^a em Ciências Geológicas, sob a orientação dos Professores C. Torre de Assunção e Carlos Teixeira; como assistente, iniciou o estudo da orla metamórfica da Serra de Sintra e de formações eruptivas da região do Guincho.

A sua vertente para a Geologia Aplicada desenvolveu-se cedo, ao realizar, em Setembro de 1951, um estágio no Couto Mineiro da Panasqueira, onde trabalhou na secção estanífera de Vale de Ermida, que antecedeu a entrada, como geólogo, em Novembro do mesmo ano, na Companhia dos Diamantes de Angola (CDA). Aqui, desempenhou, durante sete anos, funções de geólogo e de chefe/director das Secções de Prospecção e de Geologia. Entre os principais trabalhos desenvolvidos neste período citam-se, particularmente, estudos geológicos sobre formações diamantíferas das zonas oeste (rio Chicapa) e leste (rios Chiumbe e Luembe) e sobre a tectónica geral da região, o reconhecimento geofísico (métodos eléctrico e magnético) da área kimberlítica, a direcção de trabalhos de prospecção e de pesquisa de concentrados diamantíferos nas bacias dos rios Chicapa e Luachimo, a localização e estudo de novos afloramentos kimberlíticos e de diversas jazidas fossilíferas que permitiram melhor caracterizar as diferentes unidades do Sistema Karroo e a correlação com outras unidades contemporâneas de Angola e da República do Congo-Zaire (ex-Congo Belga) e o esboço geológico da área de trabalho da CDA.

Entre 1953 e 1955 visitou os Serviços Geológicos do então Congo Belga e as minas de diamantes da Forminière nos rios Luachimo e Bushimai (Bakwanga) para estudo da aplicação de métodos geofísicos à prospecção de kimberlitos. Uma visita de trabalho a diversas instituições francesas e alemãs permitiu-lhe completar a formação no domínio da geofísica.

Em 1958 aceitou um convite para se transferir para a Missão de Fomento e Povoamento do Zambeze, onde foi Chefe de Brigada de Geologia e Prospecção Mineira, passando a dirigir, em Moçambique, todos os trabalhos nestes domínios para apoio de obras de engenharia civil, realizados no âmbito da Missão. A localização de mineralizações de crómio e de níquel muito ficaram a dever à sua actividade e empenho. Durante os cinco anos que aí passou foram correntes os contactos com os colegas dos Serviços Geológicos dos ex-protectorados ingleses da Niassalândia (hoje Malawi) e da Rodésia do Sul (hoje Zimbabwe).

As fortes ligações que guardou com a Faculdade de Ciências de Lisboa e, particularmente, com o Prof. Carlos Teixeira e o estímulo que dele sempre recebeu, incentivaram-no a nunca renunciar à carreira docente. Assim, os trabalhos desenvolvidos na CDA levaram-no a preparar a dissertação de doutoramento, onde apresentou os estudos da prospecção geológica efectuados na região do rio Chicapa (sectores de Calonda-Camissombo e Calonda-Camanenga, a SSE de Camissombo, antiga Veríssimo Sarmento) para a prospecção de kimberlitos diamantíferos, em unidades de idade Cretácico Inferior a Médio; a dissertação foi enriquecida com a apresentação de duas cartas geológicas na escala 1/50 000.

As provas de doutoramento foram apresentadas em Julho de 1960, tendo sido a tese, subordinada ao tema “Instruções kimberlíticas da Lunda: contribuição para o conhecimento do Karroo de Angola”, distinguida com o Prémio Abílio Lopes do Rego, da Academia das Ciências de Lisboa.

No intervalo entre a estada em Moçambique e o regresso a Angola, o Professor Real cumpriu a última ligação à Faculdade de Ciências, tendo, entre 1962 e 1965 e como 1º Assistente, leccionado as disciplinas de Geomorfologia, Paleontologia e práticas de Geologia, da Lic^a em Ciências Geológicas. Tive, neste período, o privilégio e o orgulho de ter sido seu aluno e seu Assistente e lembro com saudade o dinamismo, a enorme experiência profissional, o esforço que fazia na preparação das aulas (o que lhe deve ter custado “digerir” os tratados de Leon Moret para preparar aulas teóricas de Paleontologia!), a originalidade da introdução nas aulas práticas de temas de geologia económica e aplicada, o ensino da Fotogeologia de que foi o precursor na Universidade portuguesa, a paixão pelo campo que soube, como ninguém, transmitir aos alunos que muito beneficiaram com a sua enorme experiência cartográfica e de interpretação fotogeológica, o modo afável, disponível, simples e amigo como sempre os tratava.

Acompanhei a aplicação prática do estudo fotogeológico à Espeleologia quando fui seu companheiro de inúmeras saídas de campo, era ele Presidente da Sociedade Portuguesa de Espeleologia e orientava um entusiástico e apaixonante grupo de jovens não universitários que explorava, neste domínio, as riquezas do maciço de Montejunto; o estudo fotogeológico prévio da região permitiu-nos a descoberta de inúmeras grutas que, caso contrário, passariam despercebidas mesmo aos conhecedores do maciço.

Em Julho de 1965 apresentou, na Universidade de Lisboa, a Agregação, com uma memória notável sobre a geologia da bacia do rio Zambeze, onde definiu as características geológico-mineiras da bacia em território moçambicano; esta memória, acompanhada por duas cartas à escala 1/1 000 000, uma geológica e outra metalogenética, marca importante avanço dos conhecimentos sobre os recursos mineiros da região, principalmente os de alumínio, carvão, cobre, ferro, fluorite, manganês e ouro.

Depois da Agregação, a partida para Angola marcou, definitivamente, o regresso à vida académica, agora ligada à recém criada Universidade, onde a sua determinação, grandes convicções e capacidades de trabalho inesgotável e de direcção de jovens equipas o levaram a atingir rapidamente o topo da carreira académica e a desempenhar os lugares de Vice-Reitor e de Reitor; antes disso, tinha sido o criador do Museu de Geologia, uma das jóias da Universidade e Director do Laboratório de Mineralogia e Geologia, no qual se rodeou de ex-alunos, que rapidamente foi enviando para formação doutoral em Universidades europeias e africanas.

Regressado a Portugal após o 25 de Abril foi destacado para o Instituto Politécnico de Vila Real, que começava a dar os primeiros passos e aí se manteve até 1978, altura em que foi nomeado, em comissão de serviço, para Presidente da então Junta de Investigações Científicas do Ultramar (JICU).

Foi um dos obreiros da recriação da Sociedade Geologia de Portugal, tendo contribuído para o seu renascimento ao desempenhar o cargo de Presidente da Direcção no biénio 1979-1980.

Em 1980 regressa a Vila Real, para desempenhar o cargo de Reitor do Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro (IUTAD), entretanto criado por reconversão do Instituto Politécnico; recomeça, aí, obra notável de desenvolvimento de estruturas físicas e humanas, para a qual conquistou apoios dos governos e de universidades holandesas e americanas, os quais permitiram intensa actividade de docência e de investigação científica e tecnológica. Sob sua orientação, o IUTAD foi-se implicando fortemente no desenvolvimento regional e criaram-se, assim, condições que levaram o Governo, em 1987, a reconhecer os méritos da instituição, transformando-a na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

No X Governo Constitucional, de Novembro de 1985 a Agosto de 1987, desempenhou funções de Secretário de Estado do Ensino Superior. Voltámos a ter, neste período, contactos muito estreitos, porque eu desempenhava, no Ministério, funções de Coordenador do GCACME – Grupo Coordenador das Acções Comunitárias em Matéria Educativa. Era frequente conversarmos sobre as suas e as minhas responsabilidades, num tempo de grandes transformações nacionais, particularmente ligadas à nossa entrada para a Comunidade Económica Europeia. Pude constatar como mantinha inalteráveis as qualidades e capacidade inesgotável de trabalho, o dinamismo e entusiasmo, as ideias inovadoras, o espírito empreendedor, ao mesmo tempo que mantinha relações cordiais e amigas com os colaboradores e sempre uma atenção e carinho especiais para com os antigos alunos. Como lhe era difícil entender a inércia do “aparelho” daquele Ministério, que não conseguia acompanhar a sua “velocidade” de trabalho, a sua ambição de resolução rápida dos muitos problemas da Secretaria de Estado!!

A remodelação ministerial permite-lhe o regresso a Vila Real, para desempenhar o cargo de Reitor da jovem UTAD. Durante cerca de dois anos e meio levou a Universidade ao seu período de maior afirmação, complementando a actuação anterior, desenvolvendo apoios já obtidos, inaugurando os novos edifícios da Reitoria, das Engenharias e dos Serviços Sociais. Recordo, em viagens a Vila Real para apresentação do programa ERASMUS, o orgulho que podia ler nos seus olhos ao fazer-me visitar a sua Universidade, a “menina dos seus olhos”.....

É convidado para Ministro do Ambiente e Recursos Naturais do XI Governo Constitucional, cujas funções desempenhou de Janeiro de 1990 a Abril de 1991. Teve, aqui, papel relevante na estruturação do Ministério (foi o primeiro Ministro do Ambiente de um Governo português), particularmente do domínio dos Recursos Naturais, no início da preparação da primeira Presidência portuguesa do Conselho de Ministros do Ambiente da UE (1º semestre de 1992), no lançamento do primeiro Livro Branco do Ambiente e na fase final das negociações inter-ministeriais que permitiram a publicação da chamada “Lei da Água” (Decreto-Lei 74/90).

Ao deixar o Governo, já aposentado, regressa à UTAD, para constituir o Instituto de Trás-os-Montes para a Investigação e Desenvolvimento Agro-Industrial (ITIDAI), sendo o seu primeiro gestor. Mais uma vez o espírito inovador fez-se sentir, ao lançar projectos e estudos, particularmente no âmbito das energias renováveis.

O seu nome está para sempre ligado à Paleontologia de Angola por lhe terem sido dedicados três táxones: o filópode *Estheriella reali* (TEIXEIRA, 1958) do Karroo da Lunda, e as amonites *Mortoniceras (Deiradoceras) reali* COLLIGNON, 1978 e *Collignoniceras (Selwynoceras) reali* COLLIGNON, 1978, respectivamente, do Albiano Superior e do Turoniano de Egito-Praia.

Eis o meu testemunho. Este é o Professor Real que desenho: granítico, kimberlítico. O seu sentido de missão e a dedicação à causa pública são marcos de referência para nós e a transmitir às novas gerações.

Rogério Bordalo da Rocha
Dezembro de 2006